

MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA

Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Série: “Mundo na sala de aula”, Temporada 1

Episódio #6: “Antropologia em movimentos”

Legendas

Blocos

Sonoplastia

Extras

ABERTURA

Música de abertura do Programa: “Quem canta” de Danú e Tatá, samba tranquilo, com violão, pandeiro e cavaquinho. Inicialmente uma melodia de violão, seguida por dedilhado de cavaquinho. A música fica como pano de fundo, ao longo da apresentação inicial do episódio.

Irene: Oi gente! Bem vindes ao Mundo na sala de aula! Eu sou a Irene, faço bacharelado em Antropologia e Licenciatura em Ciências Sociais aqui na Universidade de Brasília.

Zane: E eu sou a Zane, mestranda em Antropologia na UnB também, e nós estaremos juntas nesse episódio do Mundo na sala de aula, essa série que tem a voz das estudantes...

Irene: ...e quer chegar nos ouvidos de todo mundo que se interessa por essa ciência das pessoas e suas fascinantes relações! Nesse episódio, vamos conversar com duas estudantes indígenas...

Zane: Duas estudantes? Por que que você tá falando assim, Irê?

Irene: ah é, esqueci de falar. Nesse episódio, estaremos experimentando a linguagem neutra e não-binária, no sistema Elu, que substitui os pronomes “ele” e “ela” por “elu”, “dele” por “delu”, adjetivos como “bonito” e “bonita” por “bonite”, “todos” por “todes”, quando são pronomes relativos, ou seja, não se referem a ninguém especificamente. Eu sei que parece meio estranho no começo, mas é um experimento e também um esforço pra acompanhar os movimentos da língua e das comunicações. Nos materiais extras vamos disponibilizar um Manual para a Linguagem Neutra e o Manifesto Ile, vocês conhecerem um pouco mais das possibilidades dessa linguagem.

Zane: Massa, amiguel! Aí você tava apresentando às convidadas...

Irene: Sim! Vamos conversar com duas estudantes indígenas, Fêtxawewé Guajajara e Patricia Tukano sobre Antropologia e Política. Como as pesquisas antropológicas se constroem a partir de e junto com os movimentos sociais, teorias de desenvolvimento e etnodesenvolvimento, políticas públicas, e também no debate cotidiano. Porque quem conhece alguém que faz Antropologia sabe, que a gente tá sempre atente e, quando precisa, com a problematização na ponta da língua!

Zane: [risos] é verdade! E muitas vezes nossas pesquisas são nossas lutas, as lutas de nossas famílias, são a continuação de histórias muito mais antigas e o compromisso de passá-las adiante... Nossos passos vêm de longe, assim como nos disse Jurema Werneck, e em nossas falas, escritas, produções acadêmicas, estão as comunidades políticas das quais fazemos parte ou entramos em contato ao longo de nossa trajetória..

Irene: Sim, total. É difícil distinguir nossas escolhas de todas as experiências coletivas que vivemos diariamente, muitas vezes, sem nem nos darmos conta. Você já parou pra pensar em como os espaços que frequentamos são cheios de histórias e ações políticas? E que nós continuamos escrevendo essa história diariamente?

Zane: Muitas coisas que pra gente hoje é normal, cotidiana, é resultado de muita luta de grupos e movimentos sociais. Como as nossas próprias escolas públicas, universidades, nossos hospitais, casas, nossos territórios...

Irene: E que, ainda hoje, a nossa participação constrói esses espaços, física e simbolicamente né...

Zane: E pra somar na conversa, conheçamos um pouco sobre a vida de Fêtxa, liderança indígena jovem, estudante calouro de Ciências Sociais aqui na UnB. Ficamos muito felizes em tê-lo conosco nesse episódio!!

BLOCO 1: FÊTXÁ E O MOVIMENTO INDÍGENA ESTUDANTIL

Música: “Transcendência” de Nelson D. Inicia com um som grave que se arrasta e fica rapidamente mais alto em volume, até começar uma batida que mistura vários elementos: uma pancada grave e ressonante, uma batida de bateria frequente, um canto indígena ritmado com gritos de luta, chocalhos. Teclado eletrônico faz a melodia principal. Voz grave diz “deixa eu te mostrar quem protege a minha terra!” e o trecho se repete, diminuindo o volume ao longo da apresentação de Fêtxa.

Fêtxa: Meu nome é Fêtxawewe Tapuya Guajajara Veríssimo, mas pode ser chamado só de Fêtxa também. Eu venho do povo Guajajara, lã do Maranhão, por parte de mãe, e do povo Fulni-ô Tapuya, por parte de pai, aqui de Pernambuco. Mas eu nasci em Brasília, no território indígena, Santuário Sagrado dos Pajés, né, o primeiro território indígena demarcado dentro do Distrito Federal. Tenho 21 anos e faço Ciências Sociais, atualmente, na UnB. Eu também faço parte do CIT-DF Conselho Indígena do Distrito Federal, sou conselheiro. Também atuo nas áreas da militância, digamos assim, da educação, demarcação de terras, ambiental e também LGBT no contexto indígena.

Irene: que legal!! Cê faz tanta coisa massa! E Fêtxa, cê pode nos contar sobre alguma experiência política que te marcou?

Fêtxa: Um movimento que me marcou muito foi o ENEI, que é o Encontro Nacional de Estudantes Indígenas, foi o primeiro movimento em outro estado que eu fiz, assim, como estudante indígena. Fui convidado né pelos estudantes indígenas da UnB, da Associação AIUnb a tá indo com eles até Dourados, né, uma comunidade indígena que tinha acabado de ser retomada pelos indígenas.

[vibração sonora tensa, com chocalhos ritmados que vão se intensificando ao longo da fala] A gente foi recebido pelos Terenas, os Guarani e os Kaiowá ne. E quando a gente chegou lá, tinha acabado de ter um assassinato de um jovem, filho de uma liderança, por causa desse genocídio que não para, esse extermínio contra os povos indígenas, e isso me tocou muito. Quando a gente chegou a gente teve toda uma restrição, né, horário pra dormir, horário pra acordar, não podia andar sozinho e essas coisas, os mais velhos da comunidade também deram restrições pra gente. [clímax sonoro, os chocalhos se encontram de forma intensa. Depois vão diminuindo a frequência e volume] Foi muito, foi muito marcante né, ver a força que a gente transmitiu ali enquanto juventude, querendo ou não ver o desespero, isso me deixou muito, muito sentido, porque foi uma realidade que eu já tinha passado quando era mais novo, só que voltar a lembrar isso me fez ter mais força, mais vontade de continuar nessa luta, nessa batalha de ser liderança jovem, porque eu também sou liderança jovem do Santuário. [fim dos chocalhos] Tirando essa parte, que foi uma parte logo de choque que a gente passou né, o movimento também foi muito bom, eu tive contato com outros indígenas, eu tive contato com outras realidades, e isso é sempre bom né, essa troca de saberes oralmente como a gente indígena faz aí já historicamente. E esse foi um dos movimentos, né, um dos, é... das minhas memórias mais marcantes enquanto juventude, me abriu os olhos, digamos assim.

Irene: Nossa, que experiência tensa. E que força vocês tiveram para enfrentá-la e apoiar a comunidade lá. Mas então, desde muito cedo você trilha uma trajetória na militância, né? Como tudo aconteceu?

Fêtxa: Então, tudo começou né a partir de meus familiares né, das minhas árvores genealógicas, seja ela da parte de minha mãe, seja ela da parte de meu pai. E desde quando era pequeno eu não me entendia ainda enquanto uma pessoa de militância ativa nesse sentido, sabe, com meus 15 anos foi que eu comecei a realmente querer tá nesse espaço. Logo depois do meu pai ter falecido, meu pai faleceu em 2014. E aí alguém precisava digamos que representar eles nos lugar, então, tipo assim desde muito pequeno eu comecei a ir em reunião com pessoas muito importantes, com o governo e tudo mais. Eu estou vivendo muito em torno disso, né, desde os meus 15 anos. E eu não entendia um “a” sabe dessas palavras tão difíceis e tão complexas, assim, que muitas vezes eu nem gosto sabe? E aí acabou que eu comecei a falar mais, a colocar minhas opiniões e tudo mais. E eu tinha tipo uns 17 anos mais ou menos quando eu comecei a perceber esse mundo né, da universidade e tudo mais.

Zane: Como você chegou nas Ciências Sociais, na Antropologia?

Fêtxa: Eu fiz Direito em outra faculdade, faculdade particular, não terminei o curso, não cheguei a terminar né, eu comecei a ver que a ciências sociais me contemplava mais, no sentido de poder escrever sobre minha realidade numa perspectiva indígena, da juventude indígena, e trocar essas ideias com outros jovens indígenas do curso né de Ciências Sociais. Aí eu tentei, no terceiro vestibular que eu fiz, vestibular indígena específico, e entrei em segundo lugar nas Ciências Sociais da UnB. E aí eu fiquei muito feliz porque eu já fazia parte dessa luta né, já reivindicava as coisas com eles, porque eu falo: “bom, se tem parente meu eu já faço parte daquele lugar”. Já subia a rampa da Reitoria junto com a galera [risonho], já tava incluso na UnB porque lá tem um Movimento Indígena muito forte, é referência até pra outras universidades, a gente tem uma Associação... tem várias políticas que a gente quer que continue, uma delas é o vestibular específico pra indígenas, são nossas políticas públicas de bolsa permanência, que a gente seja ouvido, que a gente seja resguardado, que a universidade seja um lugar seguro, seja um lugar saudável, que a gente quer que cada vez mais indígenas ocupem esses

espaços, que a gente consiga ter o mínimo de assistência, sabe? Por exemplo, a construção da Maloca aconteceu a partir de um movimento de estudantes indígenas que reivindicavam um espaço, porque o nosso CA era debaixo de uma árvore, a gente não tinha espaço depois a gente conseguiu um espaço menor, e aí hoje em dia a gente tem a Maloca né, que é o nosso espaço, que a gente se sente representado, que a gente se sente acolhido, sabe? Então que a UnB olhe pros indígenas, entenda nossas especificidades, de cada povo, de cada etnia e tudo mais.

Irene: A UnB tem vestibular específico para candidatas indígenas desde 2016. A sigla “C.A” é Centro Acadêmico. Em algumas outras universidades, acho que chama “Diretório Acadêmico”, Centro de Convivência Estudantil, algo assim. E a Maloca aqui na UnB é um espaço lindo, pensado especialmente para estudantes indígenas, rola muita coisa legal lá.

Zane: Que massa, que movimento lindo e importante! E a Maloca representa muito bem! Fêtxa e daqui pra frente o que você espera como universitário, como cientista social?

Fêtxa: Quando eu falo de universidade, apesar de já ter vivências, né, eu sou muito leigo ainda porque agora que eu tô tendo vivências realmente enquanto universitário né porque antes eu tinha enquanto um estudante indígena apoiando outros estudantes indígenas, hoje em dia, eu vou ter mais vivências enquanto universitário em si. Quando eu entrei, assim, nas Ciências Sociais eu percebi que eu posso falar sobre várias coisas que eu já escrevia nos meus momentos a sós, eu já escrevi várias coisinhas. E que agora eu tenho esse aval de poder escrever sendo, atualmente, estudante de Ciências Sociais, tô querendo fazer uma dupla habilitação né, fazer Licenciatura em Sociologia e Bacharel em Antropologia. Eu tô fazendo parte de algumas pesquisas, e eu vejo que existe um movimento contra né essa visão de indígena como objeto de pesquisa, e eu acho isso muito massa, sabe, eu posso escrever sobre mim, posso escrever sobre minhas visões, e as visões de outros colegas outros parentes também. Até porque muitas pessoas que escrevem sobre os povos indígenas são antropólogos não-indígenas e na sua grande massa são pessoas brancas, então, eles botam a visão deles. E aí eu quero muito poder ajudar futuramente dentro das aldeias que eu pertencço, e provavelmente em outras aldeias também, é sempre pra dar esse retorno né pra comunidade, porque é um retorno muito pra base, que a gente não tá aqui sozinho, a gente tem o apoio de um povo, de uma comunidade, se a gente tá hoje na Universidade é porque a gente tem uma base que ajuda a gente a se manter aqui sabe, que acredita na gente enquanto juventude né.

BLOCO 2: PEQUENO MIOLO

Música: Transcendência, de Nelson D. Inicia com um longo grito cantado, agudo e animado. Depois começa uma batida de berimbau e outras batidas eletrônicas com frequências aceleradas, junto com voz que canta, repetidas vezes, ao fundo da fala de Zane:

Joga joga salta joga

Joga joga imanência

Joga joga salta joga

Joga joga transcendência!

Zane: Com essa história, fica muito evidente como antes de sermos estudantes, somos pessoas políticas e, muitas vezes, usamos da militância, nos alinhamos a lutas coletivas pra conquistar espaços

como uma vaga na universidade, por exemplo. E isso deve ser motivo de orgulho, deve ser ressaltado entre nós.

Irene: Até porque, muitas vezes, vivemos a universidade numa lógica individualista, sem perceber a diversidade presente ali, sem reconhecer as pessoas, e a nós mesmas, como seres políticos, com trajetórias coletivas e responsabilidades sociais. E a trajetória do Fêtxa nos inspira a valorizar de onde viemos para dar sentido a onde estamos e onde queremos chegar. Mas sim, sim, até a gente se situar no meio de [ênfase] tanta coisa que rola na universidade e ao redor, demora um pouco.

Zane: É tempo pra gente conhecer os diversos núcleos da nossa universidade, os centros acadêmicos, colar nas assembleias, nas rodas de conversa...

Irene: ...nos bons debates dentro das salas de aula e também nas festinhas...

Zane: ...nos centros de Convivência Negra, indígena, de mulheres. Nas semanas universitárias pra conhecer as pesquisas e projetos dos amigos, e tantos outros espaços de troca que movimentam nossas ideias e nos trazem experiências e saberes vivos!

Música: Transcendência, Nelson D. A melodia do teclado eletrônico se sobrepõe, diversos ritmos e batidas ao fundo: pancada grave e ressonante, baterias eletrônicas frequentes, canto indígena ritmado com gritos de luta, chocalhos. Voz grave diz “deixa eu te mostrar quem protege a minha terra!” e o trecho se repete ao longo da fala de Zane e no início da fala de Irene.

BLOCO 3: ENCONTRO NA MARCHA DAS MULHERES

Zane: Pois é! E depois que já trilhamos nossos caminhos até a Universidade, como contribuir cientificamente e dar sentido às nossas trajetórias, as bagagens de nossas comunidades, famílias, bairros, dar o retorno à base que o Fêtxa tanto nos disse?

Irene: a Patrícia Barbosa do povo Tukano, que cursa Literatura, e sua professora de pesquisa e antropóloga, Artionka Capiberibe, ambas da Unicamp, tem uma história bem legal pra nos contar sobre isso. Elas estavam com a gente lá no episódio “Vozes na floresta e na universidade”, o quinto da primeira temporada do Mundaréu. Se você ainda não ouviu esse episódio, vai lá depois, escuta, ele é muito bom! E vai contribuir bastante pra gente se entender por aqui!

Zane: A história da Patrícia e a história do Fêtxa têm muitas coisas em comum. A Patrícia vem de uma família de lideranças indígenas lá da região do Alto Rio Negro, no estado do Amazonas. Ela também passou num vestibular indígena, na real, na primeira vez que aconteceu na Unicamp, em 2018. Neste tempo que está na universidade, assim como o Fêtxa, ela também tem percebido a necessidade de encontrar o seu espaço, falar da temática indígena. Ela participa dos coletivos de estudantes indígenas, recolhe denúncias e relatos de discriminação, é representante no CONSU, o órgão mais alto da administração da Unicamp. E tem tentado também desenhar estudos e projetos que dialoguem com os direitos do seu povo.

[Música: Transcendência, Nelson D. Colagem de ritmos, batidas da música e melodia do teclado eletrônico, ao fundo da falas]

Irene: Vamos ouvir a Patrícia e a Artionka contarem um pouco de como a primeira Marcha das Mulheres Indígenas contribuiu para esses projetos?

Patrícia: Eu, pela primeira vez, mesmo estando no movimento há bastante tempo mas pela primeira vez em Brasília então, esse ano de 2019 eu pude acompanhar tanto o ATL quanto a Marcha das Mulheres, então... acompanhar principalmente neste contexto político foi muito importante, e principalmente o protagonismo das mulheres né, que já saiu do ATL mesmo as mulheres já se afirmando.

Artionka: Então a Marcha foi uma iniciativa das mulheres indígenas, que além de inédita, ela veio muito, muito a propósito né. Parece uma reunião de energias no momento em que a gente tá precisando de força, de fato, porque tem muitos ataques, muita tentativa de supressão de direitos. Então, teve essa coisa viva das mulheres de discutir vários temas, né, se discutiu, né Patrícia, sobre terra, sobre feminismo indígena, né, sobre protagonismo, sobre entrada na política.

Patrícia: A gente fez várias rodas de conversa, conversou bastante sobre o vestibular indígena mesmo, né, da Unicamp, principalmente se as pessoas ainda tinham um olhar meio discriminoso com as populações indígenas, principalmente com as mulheres, porque tinha as moças que nunca saíram de suas aldeias ou comunidades indígenas. Então, elas perguntavam muito se a gente podia praticar nossas, nossos rituais, se, se as pessoas não viam isso como uma coisa meio que folclórica, então, elas acabaram perguntando coisas que eu mesma quando cheguei aqui me perguntei bastante. Qual é a finalidade da Universidade? Como sendo um dos pioneiros a entrar nessa universidade, a gente acaba se impactando, mas ao mesmo tempo, a gente, acredito eu que a gente acaba revertendo certas situações.

Zane: E lá na Marcha, vocês se encontraram, né? Como foi?

Artionka: A gente se encontrou porque.. é muita gente né,

Patrícia: sim...

Artionka: e eu saí numa parte, a Patrícia saiu em outra. Só que aí cê vai andando pela Marcha e encontra com as pessoas conhecidas, e uma delas foi com a Patrícia. E aí a gente foi, durante um tempo, conversando um pouco sobre o trabalho [irisonha]. Isso foi uma coisa interessante porque a gente marca reuniões aqui na Unicamp pra falar do trabalho e, muitas vezes, não dá certo, a gente não consegue se reunir e não consegue ser tão, é... tão forte e tão produtivo como foi ali. A gente decidiu várias coisas, né, Patrícia? “Então, quando a gente voltar, eu vou me planejar e vou fazer um relatório da Marcha”, isso foi uma das tarefas que a gente foi elaborando juntas. E, ao mesmo tempo, naquele momento, a Patrícia me contou um pouco da vida dela. Foi interessante isso, que eu não sabia que ela vem de uma família de pessoas que são envolvidas no Movimento Indígena, né, então ela tem uma relação com o Movimento, que nem sempre é uma relação, é.. de imersão no Movimento, mas ela conhece, e eu não sabia nada disso.

Irene: E pra você, Patrícia, como foi encontrar sua professora no meio da manifestação?

Patrícia: Bom, primeiro que... Ah! A professora é muito ocupada, né [risonha]. A gente, com o cotidiano da universidade, muitas vezes não dá, é um compromisso e outro ali... A gente conhece aqui vários professores por nome, pelos trabalhos que eles têm, mas, tendo ali uma conversa ali a gente, a gente, eu acabei extrapolando algumas questões né, que, ela apesar de ser uma formadora, é antropóloga também, mas também é um ser humano entendeu, porque muitas vezes a gente, tipo, a gente acaba distinguindo muito um professor né, “o professor é lá”, num sei o que, a gente num pode. A Marcha das Mulheres era uma caminhada mas a gente foi conversando, eu senti como se fosse indo com a minha mãe o caminho da roça né [risos da Artionka]. A gente ia andando com a minha mãe, parecia que a gente tinha mais conversa ali do que muitas vezes quando tava em casa. Então, querendo ou não, a Unicamp acaba sendo uma segunda casa também, né? [risonha]. Então a gente tem uma troca ali bem comunicativa mesmo, não de aluna e professora, mas de pessoas mesmo que tá ali no movimento e conversando ali as questões que acontece tanto dentro de uma comunidade fora de uma comunidade, que a gente sabe que tem pessoas que não são indígenas e também são envolvidas nessas causas, então, acabei descobrindo isso dela. [risos da Patrícia e da Artionka]

Irene: Haha, que legal! É bom ouvir de você contar, Patrícia, que a universidade pode ser um espaço acolhedor, de troca, de convivência, como uma segunda casa. Mas então, antes da Marcha, vocês duas já trabalhavam juntas em projetos da universidade. Como era esse projeto?

Patrícia: Acho que, em princípio, o projeto em si é... a catalogação das leis, as leis dos indígenas, o que tá no Estatuto, o que não está no Estatuto, quais foram vetadas, quais não foram vetadas, quais estão em andamento no Congresso, quais que não estão. Era isso no começo, mas acho que a gente acabou tendo um rumo diferente, mas com uma perspectiva do que aconteceu dentro do Movimento também, né professora?

Artionka: É... o projeto em si era bastante técnico, né. É isso, catalogar as proposições legislativas que tramitam no Congresso Nacional, com a temática indígena, sobretudo, sobre terra. Só que a execução do projeto, que envolve cinco bolsistas, teve algumas complicações, né, que eu não previ no projeto, então, comecei a pensar junto com os bolsistas um redirecionamento das atividades de cada um deles. E o da Patrícia ainda não sabia bem pra que lado direcionar. A sensação que eu tive na nossa conversa lá na Marcha, foi que foi uma espécie de epifania, a gente conseguiu achar ali uma, uma direção que não foge tanto ao tema da proposta, né, do projeto, mas que se encaixa muito melhor no perfil de pesquisadora da Patrícia.

Zane: Que legal! Entendi! Pois é, essa epifania nos fez refletir bastante porque tem muitas pesquisadoras que, assim como a Patrícia, encontram seus temas de pesquisa em movimento e nos movimentos, em luta e em colaboração com as demandas sociais de diversos grupos políticos que resistem, Brasil afora. E que bom que a Patrícia teve como aliada a Artionka, sua professora de pesquisa.

FECHAMENTO

[Música: Transcendência, Nelson D. Batida de berimbau e outras batidas eletrônicas com frequências aceleradas, junto com voz que canta, repetidas vezes, ao fundo da fala de Irene:

Joga joga salta joga

Joga joga imanência

Joga joga salta joga

Joga joga transcendência!]

Irene: A Antropologia tem se tornado também uma ferramenta de luta, de afirmação de nossas identidades, de valorização das diversidades, e de protesto contra essa objetificação das pessoas e suas culturas que durante muito tempo a nossa ciência, infelizmente, validou.

Zane: E, alééem de problematizar, é fundamental que a gente exercite nossa escuta, nosso olhar, nosso andar também, pra captar e acompanhar os movimentos, as transformações, as pequenas revoluções que rolam à nossa volta. Seja numa visita importante aos parentes de Dourados, como foi o caso do Fêtxa, seja durante uma Marcha em Brasília, como aconteceu com a Patricia. Ou, então, estes movimentos podem acontecer mesmo nos lugares que estamos já mais acostumades, como na nossa língua, nossa casa, no dia a dia da nossa Universidade, dentro do nosso curso de Antropologia, Literatura, Direito, por exemplo.

Irene: E aprender em movimento, para além do que tá no currículo obrigatório, aprender com nossos colegas, com nossas famílias, vizinhos, ativistas, intercambiar esses conhecimentos, essas visões de mundo... Isso enriquece demais nossas pesquisas e práticas!

Zane: [ênfase] Sim! Um pouco da ideia desse episódio é incentivar mesmo as estudantes a conhecer, experimentar as tantas intervenções culturais e políticas que estão rolando, muitas vezes, gritando mesmo para serem notadas, dentro e fora da universidade, nos lugares que frequentamos...

Irene: E a reconhecerem esses espaços como de construção coletiva e ativa de conhecimento, pra pensar diferentes formas de desenvolvimento pra sociedade, como espaços de teorização e prática antropológica e até pra outras áreas também!

[Música: “Quem Canta” de Danú e Tatá. Samba tranquilo, com violão, pandeiro e cavaquinho. Inicialmente uma melodia de violão, seguida por dedilhado de cavaquinho. A música fica como pano de fundo, ao longo das falas]

Zane: Bom, estamos terminando mais um episódio da série Mundo na Sala de Aula.. Espero que vocês tenham gostado da nossa conversa, que tenha feito sentido pra vocês também!

Irene: Esse episódio foi produzido em casa durante a pandemia do Covid-19, então, tivemos vários desafios ao longo do processo. Gostaria de agradecer a meus amigues que [ênfase] super me ajudaram a pensar esse episódio, ao Fêtxa, à Patricia e Artionka, pelas entrevistas, ao Nelson D por autorizar o uso da música “Transcendência”, à Zane, pela ótima companhia nessa conversa, à toda a equipe do Mundaréu em Brasília e em Campinas, nesse movimento tão legal de criação e produção de um podcast de Antropologia.

Zane: E fiquemos de olho nos movimentos, sejamos inspirados por eles!

Irene: É isso aí! Abraços, pessoal!

Zane: Tchauzinho!

[Música final: “Quem Canta” de Danú e Tatá. Vozes soprano e contralto em evidência, acompanhamento de violão, pandeiro e cavaquinho:

Queria, muito mais um pouco

Muito mais um pouco

O batuque lá na toca...